

**PARLA! Os monumentos de Florianópolis como narradores de história**

Margarita Barretto<sup>1</sup>  
[barretto.margarita@gmail.com](mailto:barretto.margarita@gmail.com)  
Universidade Federal de Santa Catarina

**RESUMO:** O objetivo da pesquisa foi coletar as informações constantes nos monumentos (estátuas, bustos, hermas e cabeças) da cidade de Florianópolis na sua parte insular. Tomou-se em conta a informação do desenho do próprio monumento assim como as placas e o meio circundante. Tratou-se de um estudo exploratório descritivo com pesquisa bibliográfica, hemerográfica (aqui incluída a *internet*), e de campo com registro fotográfico e posterior análise de discurso. Encontrou-se que poucos monumentos informam a respeito da pessoa ou a categoria homenageada portanto não cumpriram o papel de propiciar coesão social e sentimento de pertencimento que foi atribuído ao monumento na modernidade e sim o papel estético que foi progressivamente tomando o lugar a partir da pós-modernidade, e muitos deles, nem sequer esta última, em função da falta de conservação. O estudo restringiu-se a uma primeira aproximação ao tema e implica na revisão do papel comunicacional dos monumentos como informantes da história da cidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Patrimônio, história, monumento, documento, Florianópolis.

**ABSTRACT:** The scope of the research was to gather information about monuments (statues, bust, hermas and heads) in Florianópolis, at the neighborhoods located in Santa Catarina Island. Design of monuments and its inscriptions were analyzed as well as the surrounding environment. It was a exploratory descriptive study with bibliographic, hemerographic (internet included) and field research followed by discourse analysis. As a result it can be stated that few monuments communicate a clear message on the commemorated person or event, so they are not accomplishing the role modernity attributes to monuments, that of tightening social bounds. They instead play the aesthetic role attributed by post modernity even some of them neither of both due to lack of conservation. The study is only a first approach on the issue and implies in revision on the role of monuments as educators.

**KEYWORDS:** Heritage, history, monument, document., Florianópolis.

*PARLA! Florianópolis monuments as history tellers*

Conta a tradição que Michelangelo<sup>2</sup>, ao ver a sua escultura de Moisés, bateu nela gritando

---

<sup>1</sup> Estudante de museologia (UFSC), Professora do Pós-Arq (UFSC), Professora do Mestrado em Administração (FURB) e Pesquisadora do CNPq.

<sup>2</sup> Escultor italiano que viveu de 1475 a 1564.



“parla” (fala, em italiano), tal o realismo do trabalho. As estátuas não emitem sons, mas falam de outra forma, os monumentos comunicam, transmitem, são documentos de uma história. Neste papel social reside a sua importância, como a de todo monumento e do patrimônio, o que torna importante analisar que história é contada através delas, do seu desenho ou nas placas que acompanham. O monumento e sua placa oferecem um texto, um discurso. São suportes de informação a que o cidadão comum, que passa na frente, tem acesso. Podem, conforme as informações que oferecem, ser uma fonte de educação informal, dentro da linha da educação pelo lazer (passeio) ou de apoio à educação formal, dentro dos estudos de meio.

O objetivo da pesquisa foi conhecer o discurso das estátuas de Florianópolis. Desde que não há um cadastro oficial da estatuária da cidade, para ter aconhecimento sobre as mesmas pesquisou-se em diversos sites da cidade, de turismo, de universidades e em blogs, até elaborar, somando as informações, um quadro em que se arrolaram os monumentos, bustos, hermas e cabeças assim como sua localização.

Como fundamentos teóricos, utilizaram-se os conceitos de documento, monumento, memória, educação patrimonial, educação pelo lazer e como antecedentes, o trabalho realizado por Barretto<sup>3</sup> ensinando história através dos monumentos da cidade de Campinas (SP) e o trabalho realizado pelo Laboratório de Patrimônio Cultural da Universidade do Estado de Santa Catarina “No fio da memória: caminhadas de registro fotográfico”<sup>4</sup>

#### Memória e Patrimônio

O patrimônio histórico, dentro do qual podemos incluir os monumentos, é a herança cultural de uma sociedade. No entanto, como afirma Huysen<sup>5</sup> a memória e a amnésia caminham juntas e fazem parte de uma luta política. O que é lembrado depende do reconhecimento de um determinado passado e não é suficiente lembrá-lo, é preciso entendê-lo<sup>6</sup>. O patrimônio em geral e os monumentos em particular podem ser considerados mediadores entre um passado – vivido ou

---

3 BARRETTO, Margarita. Vivendo a História de Campinas. Campinas: Autores Associados, 1995, 95p.

4 Disponível em <http://www.labpac.faed.udesc.br/labpaccaminhadas.htm>.

5 HUYSEN, Andreas. Present pasts: Urban palimpsests and the politics of memory. California:Stanford University Press, 2003, p. 95.

6 SARLO, Beatriz. Tiempo pasado. Cultura de la memoria y giro subjetivo. Una discusión. Buenos Aires:Siglo XXI Editores, 2005.



não – e o presente e, como toda narrativa do passado, são re-presentações, fragmentos de uma história<sup>7</sup>. Na sua maioria, contam a história oficial, são lugares de memória<sup>8</sup>, desta memória contemporânea que, conforme Nora, repousa na materialidade dos arquivos e outras formas que a entrelaçam com a história. Os monumentos contam um lado da história; foram colocados em lugares públicos pelos detentores do poder de decisão de forma mais ou menos arbitrária, porém isto não impede que possam contribuir com o processo educativo, contando esta versão de forma amena.

### Educação alternativa, estudo de meio e educação patrimonial

Por educação alternativa entende-se a educação fora da sala de aula. Andando pelas ruas, “flanando”, pode-se aprender desde que a cidade ofereça os elementos. A prática de aprender em situações informais já vem da antiguidade grega, quando os filósofos sentavam debaixo da figueira, quando Aristóteles ensinava andando pelo parque, ou quando Platão apelava a jogos para ensinar cálculo. Depois da idade média, Tomasso Campanella idealiza (e propõe) a Cidade do Sol, onde as ciências, as letras e a história estariam pintadas nas paredes das cidades para que as crianças pudessem aprender “sem enfado, brincando”<sup>9</sup>. Na atualidade, museus e centros culturais, além de passeios históricos e os estudos de meio anteriormente referidos proporcionam educação alternativa, havendo uma rama específica de educação pelo lazer<sup>10</sup> e da pedagogia do jogo muito trabalhada por psicólogos e educadores, e que tem sua teoria explicativa mais abrangente em Piaget<sup>11</sup>, e em Huizinga<sup>12</sup>. O primeiro constata que o jogo permite a construção do

---

7 Op. cit.

8 NORA, Pierre. Between memory and history. Les lieux de mémoire. Representations, 26, 1989, pp. 7-24.

9 MANACORDA, Mario. História da Educação. Da antiguidade aos nossos dias. São Paulo: Cortez/Autores Associados: 1989, p. 217.

10 MARCELLINO, Nelson C. Lazer e Educação. Campinas: Papyrus, 1987.

11 PIAGET, Jean. A formação do símbolo na criança: Imitação, jogo e sonho, imagem e representação. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1964.

12 HUIZINGA, Johan. Homo ludens: o jogo como elemento da cultura. 5edição. São Paulo: Perspectiva, 2007.



conhecimento simbólico enquanto o segundo, a partir de um enfoque sociológico, resgata a importância que o jogo sempre teve para os humanos.

O estudo de meio é uma técnica pedagógica que consiste em sair da escola para visitas a locais determinados com a finalidade de aprender algum conteúdo específico. Considera-se estudo de meio tanto a saída com finalidade de entretenimento quanto os “trabalhos interdisciplinares que demandem pesquisa de campo”<sup>13</sup> Foi implementado pela primeira vez na cidade de São Paulo no início do século XX em escolas de propriedade de anarquistas italianos que almejavam oportunizar o ensino a aqueles que, por classe e condição social estavam aliçados do sistema de ensino que era reservado às elites dominantes.<sup>14</sup> Seus idealizadores seguiam a Escola de Barcelona, a pedagogia Ferrer e Guardia, e os trabalhos fora da sala de aula tinham como objetivo colocar os alunos com o “meio natural e social”, com a desigualdade e a injustiça, para promover reflexões e contribuir com as mudanças<sup>15</sup>. A prática foi adotada por algumas escolas de aplicação mas banida durante a ditadura (1964-1985) sendo retomada com força na década de 1990<sup>16</sup>.

Parte-se neste trabalho do pressuposto<sup>17</sup> de que um monumento foi feito para transmitir uma mensagem, para ser interpretado. A interpretação do patrimônio é uma técnica que pode ser aplicada em estudos de meio ou mediante a educação pelo lazer, em visitas aos locais de interesse histórico. Trata-se de um processo destinado a ensinar a preservar a história e o patrimônio, a outorgar sentido a objetos e símbolos do passado. De acordo com Edwards apud Miranda<sup>18</sup>, a

---

13 PONTUSCHKA, Nadia Nacib. O conceito de Estudo do Meio transforma-se...em tempos diferentes, em escolas diferentes, com professores diferentes. In: VESENTINI, J. W. O ensino de geografia no século XXI. Campinas: Papirus, 2003, p. 249-268, p. 249.

14 O primeiro colégio com estas características foi o Dante Alighieri, no bairro Bras, que em 1911 foi vendido e mudou-se, estando atualmente na região dos jardins.

15 PONTUSCHKA, op. cit, p. 252.

16 Na rede pública de São Paulo durante o governo de Luiza Erundina de Souza, então do Partido dos Trabalhadores (PT).

17 Pressupostos são conjuntos de noções julgadas aceitáveis e que podem servir para emitir juízos ou para avaliar qualquer elemento de pesquisa.

18 MIRANDA, Jorge Morales. O processo de comunicação na interpretação. In: MURTA, S.M.; ALBANO, C. (org.) Interpretar o patrimônio. Um exercício do olhar. Belo Horizonte: UFMG/Território Brasilis, 2002, pp. 95-105, p. 95.



interpretação é “comunicação atrativa; oferece uma informação breve; é realizada na presença do objeto em questão; seu objetivo é a revelação de um significado”. Quanto mais informações o patrimônio tiver, mais precisa será a sua interpretação e maior utilidade educativa e social ele terá; maiores serão as chances de que o processo de interpretação leve a uma atitude favorável para com o patrimônio<sup>19</sup>

#### O discurso do documento – monumento

Numa crônica de 1929 Mário de Andrade criticava o culto às estátuas que substituíam o culto aos mortos, dizendo que as estátuas eram feias, que sua missão era divertir e que só podiam ser educativas pela sua “grandiosidade obstruente e incomodaticia”<sup>20</sup>

No final do século XX podem ser vistas outras definições que dão outra interpretação às estátuas. De acordo com Choay<sup>21</sup>, um monumento é “tudo que for edificado por uma comunidade de indivíduos para rememorar ou fazer que outras gerações de pessoas rememorem acontecimentos[...] ou crenças.” O monumento tem uma função importante na sociedade, para transmitir a história e também para promover a coesão social, desde que “assegura, acalma, tranquiliza, conjurante o ser do tempo” (ibidem). A autora também acrescenta que, progressivamente, o conceito de beleza tem crescido em importância, até substituindo a função de memorial dos documentos<sup>22</sup> o que se reflete numa certa dificuldade de discernir o que é monumento e o que é obra de arte sem intenção comemorativa.

Fazendo um retrospecto histórico do papel dos documentos a partir da antiguidade, Le Goff<sup>23</sup>, evidencia que no século XIX denominava-se monumento a um conjunto de documentos e também que historiadores como Fustel de Coulanges no século XIX e posteriormente os fundadores da *École des Annales* defendiam uma ampliação do conceito de documento. Na

---

19 Op. cit.

20 ANDRADE, Mario de. O culto às estátuas (1929). In: Os filhos da candinha. São Paulo: Martins Fontes. Coleção Obras completas, 1942, pp. 31-37, p. 34.

21 CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. Marília-SP: Ed. Unesp, 2001, p.18.

22 Op. cit, p. 20.

23 LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas: Editora da Unicamp. 1990, p. 528.



atualidade parece haver um consenso de que um documento, em sentido amplo, pode ser “todo e qualquer suporte de informação”<sup>24</sup> portanto, pode-se admitir que um bem cultural, um monumento, possa ser também um documento (ibidem). Partindo então da premissa de que um monumento é um documento, este pode ser analisado como texto, ou como discurso.

A análise de discurso procura entender o que está sendo transmitido e como; não parte da ideia de que a palavra é transparente e deve-se encontrar o sentido do texto como a análise de conteúdo. Analisa o discurso em si próprio e como o mesmo significa<sup>25</sup>. Trata-se de ver como o texto, na sua materialidade, comunica um determinado significado; não se procede a separar forma de conteúdo.

## Resultados da pesquisa

Não há um catálogo dos monumentos da cidade, embora obteve-se a informação de que no IPUF – Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis começou um trabalho neste sentido. O rol de monumentos constante neste artigo foi confeccionado a partir de vários sites, de evidência empírica passada, com ajuda de informantes, da ferramenta “maps” do *Google* e finalmente, em campo.

Também surgiram dúvidas quanto à própria categoria monumento, desde que não há certeza de se algumas esculturas podem ser classificadas como monumentos ou se são obras de arte sem intenção comemorativa. Porém, tomando como base as considerações e o histórico do conceito de monumento elaborado por Choay<sup>26</sup> considerou-se que também as obras de arte de grandes dimensões e colocadas em espaços públicos deveriam ser consideradas. É o caso da escultura “Equilibrista” que está na porta do CIC- Centro Integrado de Cultura, que tem

---

24 CASTRO apud NASCIMENTO, Rosana. O objeto museal, sua historicidade: implicações na ação documental e na dimensão pedagógica do museu. Cadernos de sociomuseologia nº 11, Portugal: ULHT, 1998, p.89; CASTRO apud TANUS, Gabrielle; RENAU, Leonardo; ARAUJO, Carlos. O conceito de documento em Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação. V. 8, nº2, pp.152-174, Jul/Dez 2012.

25 ORLANDI, Eni P. Análise de Discurso. Princípios e Procedimentos. Campinas, Pontes, 2001, p. 17.

26 CHOAY, op. cit.



características muito similares às de uma obra que está na frente do terminal rodoviário que é sim considerada um monumento.

Sem tentar elucidar esta dúvida quanto às intenções destas obras em Florianópolis e com fundamento em Choay, passou-se a analisar o discurso dos monumentos a partir a) do seu entorno; b) das suas características intrínsecas e c) das informações constantes nas placas que os acompanham. Entende-se que a localização, a acessibilidade e o estado de conservação também fazem parte da materialidade do texto que significam junto com o próprio monumento e suas inscrições.

Aproveitando-se de sua condição de estrangeira residente há apenas 14 anos na cidade, a autora despojou-se dos conhecimentos adquiridos mediante leitura de textos históricos e ateu-se apenas ao entorno e às informações constantes no local, reproduzindo as impressões que teve quando visitou os locais pela primeira vez, que é a situação que enfrenta um visitante ou um morador local que não tem conhecimentos de história da cidade. Para constatar os resultados, a autora solicitou a ajuda de uma prima<sup>27</sup> que mora no exterior e que visitou uma vez a cidade, solicitando a ela uma análise das fotografias. A ordem em que os monumentos estão analisados é a mesma em que foram visitados seguindo um critério logístico para quem anda de automóvel deixando os de mais difícil acesso para o final.<sup>28</sup>

1) Celso Ramos- Localizada na praça do mesmo nome. Trata-se da estátua de um homem com um livro na mão e na placa informa-se que era Governador. O discurso não esclarece se ele foi governador em 1966 ou se a homenagem foi em 1966. Consta “foi restaurada pela Portobello”, informação descontextualizada para quem não conhece as indústrias da região.

2) Lauro Müller- Localizada na Praça do mesmo nome. Estátua com um enorme monolito informando quem foi o homenageado, e quem lhe fez a homenagem. Seu discurso é claro e informativo.

3) Obelisco a Dias Velho. Localizado na Av. Jornalista Rubens de Arruda Ramos, conhecida como “Beira Mar” ao lado do heliponto. A placa informa que é uma homenagem ao fundador da cidade. Há outra placa (de acrílico) informando fatos históricos a respeito do próprio monumento,

---

27 A autora agradece a colaboração desinteressada de Alejandra Testa, moradora de La Plata, República Argentina, na análise do discurso das fotografias.

28 As fotografias dos monumentos estão disponibilizadas no site [http://youtu.be/dliVzXoz0\\_Y](http://youtu.be/dliVzXoz0_Y)



como localização anterior e pessoas que se empenharam em que fosse realocado após passar anos num depósito. Esta placa está deteriorada. Refere-se ao homenageado como “o bandeirante”.

Analisa-se que neste discurso há duas informações que, se bem não são contraditórias, outorgam diferentes sentidos ao monumento. Na placa de bronze, é apresentado como fundador da cidade, na de acrílico como “um bandeirante”. Para quem não estudou história do Brasil esta informação está despojada de sentido. Para quem já conhece, está carregada de sentido negativo, desde que os bandeirantes são considerados pela historiografia contemporânea como violentos caçadores de índios. O estado da placa informa sobre o descaso como monumento. Em outra placa consta o que pareceria ser o trecho de uma correspondência.

4) Monumento ao Comendador Feliciano N. Pires- Obelisco central como quatro figuras de soldados uma olhando para cada ponto cardinal. Duas placas, uma com algo que pareceria um juramento “pela ordem pública e pela segurança do cidadão [...] pelo homem para que cumpra de maneira plena o seu direito de se realizar com a ajuda de Deus”. Outra que informa “Em memória do comendador [...]. A polícia militar do estado no ano do seu sesquicentenário” Acompanha um emblema que diz Polícia Militar 150 anos. Da análise depreende-se que as figuras representam policiais militares. A placa maior, de cimento, escrita em traços gravados, tem erros gramaticais mas acaba com uma menção a Deus o que leva a supor que se trata de um juramento dos policiais quando se formam, mas confunde. A placa de bronze informa o nome e o título do homenageado, mas não quem foi e qual a sua relação com as figuras e os dizeres da placa de cimento. A redação também confunde, e só fica esclarecido que “seu” sesquicentenário se refere ao da polícia e não ao do homenageado quando se lê o emblema ao lado.

5) Rita Maria- Localizada no estacionamento da Rodoviária. Escultura feita de sucata mecânica que representa uma mulher. Na placa, uma benção. A análise do discurso é que pareceria tratar-se de uma padroeira dos viajantes.

6) Monumento em homenagem aos 180 anos da imigração alemã em Santa Catarina 1829-2009. Instalação alegórica, em forma de paralelepípedo, com uma abertura com flores. O monumento pode ser visto da rodoviária porém a parte que revelou ser a posterior; a frente do monumento, com os dizeres e a placa, está na direção leste, visível da saída de um hotel. Num dos lados há dizeres manuscritos, que parecem ser trechos de algum título de propriedade, porque constam medidas (100 x 800 braças). Na frente há uma placa com o nome do monumento e de seis



autoridades, do governo do estado e da prefeitura. Analisa-se que as flores devem ser uma alusão ao gosto pelos jardins e às casas com floreiras nas janelas que caracterizam as cidades alemãs. A placa está descuidada, faltando dois parafusos na parte inferior, ou que informa que podem ter sido roubados.

7) Esteves Junior – Localizado numa praça, de frente para a rua que leva o mesmo nome. Busto sobre pedestal no qual consta apenas o nome. A poucos metros, há dois canhões... A análise do discurso seria que Esteves Junior (de quem não sabemos o primeiro nome) deve ter estado de alguma forma vinculado ao período em que havia canhões em Florianópolis, deve ter sido um militar.

8) O equilibrista. Localizada no acesso ao CIC – Centro Integrado de Cultura. Escultura feita com sucata (parafusos, engrenagens, etc.) no mesmo estilo que a de Rita Maria. Tem uma placa com os dizeres Paulo de Siqueira. O equilibrista. Doação Shopping Itaguaçu, 2001. Analisa-se que o monumento lembra um movimento de ballet, a primeira vista tratar-se-ia de bailarinos, inclusive pela lógica de estar na porta de um teatro onde costuma haver espetáculos de dança. A placa está colocada em um lugar tão pouco acessível que foi preciso se ajoelhar no chão para lê-la e fotografá-la. A informação da placa informa que não se trata de bailarinos e sim de um equilibrista e também que foi doada por um centro comercial, presumivelmente dentro de alguma lei de incentivo à cultura. Não esclarece se é um monumento ou uma obra de arte sem finalidade monumental. No ombro da figura suspensa, um ninho de João-de-barro que informa o cuidado dispensado a estas aves na cidade.

9) Obra sem título<sup>29</sup>- Localizada na praça central da UFSC. Escultura moderna de grandes dimensões, em ferro que se assemelha a um inseto, porém com duas pernas, entrando na água de um pequeno lago ornamental. Analisando a obra interpreta-se que se trata um inseto imponente, plástico, belo. Pelo formato do corpo pareceria tratar-se de uma vespa, mas pelo fato de entrar na água poderia ser uma alegoria ao mosquito da dengue, um alerta para o perigo da proliferação de mosquitos nas águas estancadas<sup>30</sup>.

29 Dois meses após o encerramento da pesquisa, encontrou-se, a cinco metros da parte posterior da obra um monolito de 1 mt. de altura com uma placa com o título da mesma “Boitatá incandescente”, de Laércio Luiz, o que tampouco explica muito para quem não conhece o folclore brasileiro. Trata-se de um ser mítico guarani relacionado com o fogo, que vive na água.

30 Interpretação que só pode ser feita por uma pessoa que resida em regiões onde o problema da dengue existe e que provou ser totalmente disparatada uma vez que o título da obra foi descoberto.



10) Henrique da Silva Fontes. Localizado na praça central da UFSC. Busto dentro de uma estrutura oval. A placa informa que o busto é uma homenagem ao fundador da faculdade catarinense de filosofia e idealizador do campus universitário e que o homenageado era professor. No texto não informa qual foi o campus idealizado, mas a seguir informa-se que a homenagem foi na UFSC no ano de 1995. A estrutura está enferrujada e a placa está torta. Estes dois detalhes informam pouco interesse ou na pessoa homenageada ou no próprio objeto material. Infere-se que o homenageado foi idealizador do campus universitário e que isto aconteceu em 1960.

11) Prof. João D. Ferreira Lima. Localizado na praça central da UFSC. Busto dentro de uma estrutura oval de cimento branco. Duas placas, uma a cada lado, informam que foi o fundador e primeiro reitor da UFSC, e que se trata de uma homenagem feita em 1995 por ocasião dos 35 anos do evento. Outra placa informa se tratar de uma homenagem à mesma pessoa em 2010 por ocasião do centenário do seu nascimento. Analisa-se que o monumento está bem limpo e cuidado, e informa claramente quem foi o homenageado, o papel que desempenhou na universidade e as datas em que foi homenageado.

12) Monumento Açores Brasil. Localizado na praça central da UFSC. Comemorativo aos 256 anos da chegada dos açorianos na ilha de Santa Catarina 1748-2004. Monumento alegórico, com uma estrela no chão com os pontos cardinais e uma estrutura inclinada em forma de paralelepípedo, com uma estrutura em formato circular no topo com um pino no meio. Tem uma placa que informa se tratar de um monumento aos açorianos que aportaram na atual Florianópolis, seguida dos nomes das autoridades e instituições envolvidas no projeto, constando inclusive o site do responsável pelo projeto arquitetônico. Do lado inferior direito da placa há um desenho inclinado, de um lado escrito inverno e, de outro, verão e, na parte inferior, os dizeres “Coordenadas geográficas do relógio [...]”. Outra placa no chão contém uma “Tabela de correção para a leitura do relógio de sol [...]”. Analisa-se que a primeira placa informa tratar-se de um monumento aos açorianos. Consta uma informação visual que, após muita observação, faz pensar que a instalação é um relógio de sol. A segunda placa especifica que trata-se, efetivamente, de um relógio de sol. Não há informação sobre a relação entre um relógio de sol e os imigrantes açorianos.

13) Monumento às vítimas do descobrimento da América. Localizado na praça central da UFSC. Totem com azulejos decorados com motivos alusivos ao descobrimento da América, como



caravelas e reprodução de desenhos indígenas assim como de pinturas rupestres, mas também há azulejos com foice e martelo, símbolos do partido comunista, há símbolos relativos à ciência, ao misticismo, até naves e trajes espaciais. Uma placa indica as autoridades responsáveis pelo monumento e explica cada um dos símbolos e também a história do novo sol que se encontra no topo do totem. Analisa-se que o sol e a estrutura de ferro estão enferrujados e a placa está de ponta cabeça, sua pintura se esvaiu portanto as explicações estão praticamente ilegíveis. É o monumento da praça que mais descaso transmite.

14) Catatau. Localizado na praça central da UFSC. Placa em alto-relevo sobre pedestal. Retrata um cachorro, e tem os dizeres “nunca te esqueceremos” acompanhado de uma frase de Aristóteles. Atrás, uma estrutura com uma chama. Analisa-se que a localização do pedestal e a placa em relação à estrutura com a chama, leva a pensar que o monumento ao Catatau inclui, também, a estrutura com a chama. A falta de informações deixa dúvidas de se o monumento é efetivamente uma homenagem a um cão ou é uma alegoria e também não há informações sobre a justificativa desta estranha homenagem.

15) Pira da resistência. Localizada na praça central da UFSC. Estrutura tubular em forma de tetraedro com uma representação plástica de uma chama votiva. Acompanha uma placa que informa que “nesse lugar, alguns lírios deram lugar ao cultivo da liberdade [...] e da luta contra a opressão e a miséria”. Em letras menores, uma última frase “dos trabalhadores catarinenses” e a data 7 de julho de 1998. Analisando, desvenda-se, pela placa, que a estrutura tubular não faz parte do monumento ao cãozinho e sim que é uma alegoria de liberdade. Houve trabalhadores catarinenses mortos nesta praça em julho de 1998? O monumento foi feito em 1998 para lembrar trabalhadores mortos em outra ocasião neste local? Os lírios estavam neste local ou se trata de uma metáfora?

16) Un abrazo andinoamericano. Localizada na praça central da UFSC. Escultura em pedra, mostrando duas figuras abstratas e uma placa explicando que foi uma criação coletiva de alunos de uma universidade chilena. Analisa-se que é uma das obras que, ao igual que o Equilibrista e a escultura metálica elencada sob o número x, não tem uma característica clara de monumento comemorativo. Podem ser obras de arte monumentais. Após ler a placa, sabendo que se trata de uma obra de pessoas de um país andino, olhando atentamente as formas, pode-se pensar em duas lhamas frente a frente.



17) Olavo Bilac. Localizado na Praça Olívio Amorim. Busto sobre pedestal. No mesmo, uma placa de bronze com uma folha de louros e os dizeres “ama com fé e orgulho a terra em que nasceste”, e a reprodução da assinatura de Olavo Bilac. Analisa-se que não há informações sobre quem foi esta pessoa. A frase que está reproduzida indica que se tratava de um nacionalista ou de um tradicionalista, apegado à sua terra. A folha de louros também poderia indicar um sábio. O entorno não dá pistas para revelar o porquê da sua presença nesta praça.

18) Fernando Machado. Localizada na Praça do mesmo nome. Estátua. Em cada um dos lados do pedestal há uma placa, uma com um alto-relevo em bronze com uma cena de batalha a cavalo, outra com uma cabeça de leão e a data 1828 e do lado oposto, outra cabeça de leão com a data 1823. Atrás, uma placa com a data de 1917, e o nome de várias autoridades municipais. Analisa-se que na mão da estátua há um catalejo, e atrás algo que pareceriam ser troncos ou ossos. Infere-se que esta pessoa foi um navegador e também um soldado da cavalaria. Não se entendem as datas de 1823 e 1828 mas poderiam estar referidas à batalha que está retratada no alto-relevo.

19) Monumento<sup>31</sup>. Localizado frente ao antigo edifício da Alfândega. Alegórico. Estruturas de cimento com o formato de clavvas semelhantes às utilizadas em malabares. Há um pedestal onde há orifícios indicando que houve uma placa. O discurso deste monumento é desconcertante. Não há nada informando de que se trata. Parece uma instalação ornamental que pode estar fazendo referência ao circo.

20) Jerônimo Coelho. Localizado na Praça XV de Novembro. Busto sobre pedestal. No mesmo, os dizeres “ao fundador da imprensa catarinense” e a data 1919. O discurso transmitido é que se trata de um monumento à pessoa que fundou a imprensa no estado de Santa Catarina. Resta a dúvida de se o monumento foi feito em 1919 ou se a imprensa do estado foi fundada nesta data, o que é mais improvável.

21) Monumento aos voluntários catarinenses na Guerra do Paraguai. Localizado na Praça XV de Novembro. Monolito de quatro faces, com placas em cada uma delas. Numa delas, de bronze está a inscrição Ao Coronel Fernando Machado e voluntários catarinenses na Guerra do Paraguai. Homenagem do 5º Batalhão de São Paulo acantonado em Florianópolis e a data 27-11-1937. Em

---

31 Sabe-se pela bibliografia que se trata de um monumento às rendeiras, no entanto a informação não consta e para quem nunca viu um bilro e não conhece as tradições da ilha é difícil deduzir do que se trata. De fato a autora levou vários anos até descobrir, quando viu uma rendeira trabalhando, na Lagoa da Conceição. Acreditou durante anos tratar-se de uma referência a malabares de circo.

outros dois lados há inscrições numa placa cavada no próprio cimento, com legibilidade comprometida; numa delas descreve-se o objetivo do monumento e, na outra, sob o lema “Abençoada a pátria que não se esquece dos seus filhos” estão os nomes (supostamente) dos soldados mortos. Analisa-se que as placas informam do que se trata, no entanto deve-se fazer muito esforço para ler as informações que estão entalhadas no cimento, pois estão borradas. No sopé do monumento, no momento do registro fotográfico, sábado ao meio dia, em meio ao movimento e uma feira de artesanato, havia uma pessoa dormindo. A situação informa do abandono do local.

22) Victor Meireles. Localizado na Praça XV de Novembro. Busto sobre pedestal. No pedestal, duas placas, que informam quem foi o homenageado, onde nasceu e as circunstâncias da homenagem. Entende-se o discurso que informa que Victor Meireles foi um pintor catarinense nascido em 1832 e homenageado 150 anos depois com este monumento.

23) Cruz e Souza. Localizado na Praça XV de Novembro. Busto sobre pedestal. No pedestal, um alto-relevo em bronze representando uma mulher descalça. Ao pé, uma placa de cimento com quatro palavras gravadas “broqueis, missal, evocações, pharoes, últimos sonetos”. Analisa-se que se trata de um monumento a um homem mas não há como saber quem foi e o que fazia, nem por que está sendo homenageado. Poderia ser que fosse um poeta e que na placa estejam mencionados seus últimos sonetos. Porém o alto-relevo da mulher não se explica.

24) José Boiteux. Localizado na Praça XV de Novembro. Busto sobre pedestal. No pedestal uma placa com o nome. Analisa-se que é uma homenagem a alguém que por alguma razão deve ter sido importante.

25) Vidal Ramos. Localizado na Praça XV de Novembro. Busto sustentado por duas colunas paralelas e uma ao través. Em cada coluna há uma placa informativa, em bronze. No centro informa-se o nome e a data de nascimento e morte do homenageado. Na placa da coluna à direita informa-se que foi o reformador do ensino público em Santa Catarina e, que a homenagem é do magistério e, na da esquerda, a data da homenagem “do povo”. O discurso do monumento está claro sobre a pessoa homenageada. O discurso do estado da estátua informa descuido o desrespeito, desde que os lábios da estátua estão pintados de branco e nas colunas há vestígios de cartazes colados.



26) Antonio V. Bulcão Viana. Localizado na Praça Getúlio Vargas. Estátua. No pedestal, uma placa com os dizeres “Ao General [...] perene gratidão do povo de Santa Catarina. A dois metros de distância, uma placa em latim. Analisa-se que trata-se de um general que fez alguma coisa muito importante por Santa Catarina. Fica a dúvida de se a placa em latim está de alguma forma vinculada a seus feitos ou não.

27) Carl Hoepke. Localizado na Praça XV de Novembro Busto sobre pedestal. No pedestal uma placa de bronze com os dizeres “O povo de Santa Catarina a Carl Hoepke, 1925”. Na parte posterior do busto, uma assinatura de autor: F.G. Lobe. O discurso desta obra não informa sobre quem foi esta pessoa e por que foi homenageada.

28) Anita Garibaldi. Localizado na Praça XV de Novembro. Busto assentado numa pedra com uma ornamentação de bronze aparentando um manto. Na pedra, os dizeres “A Anita Garibaldi (Anna de Jesus Ribeiro) a heroína dos dois mundos, o seu estado natal, 1919”. O discurso do monumento informa que a homenageada foi uma catarinense, que teve uma atuação heroica em dois lugares muito distantes. O discurso do entorno informa o conceito de patrimônio com que foi manejado o espaço circundante. Foi difícil achar a escultura, pois está localizada dentro de um parque infantil fechado, construído recentemente, praticamente escondido em meio a brinquedos de crianças. No entorno imediato, bancos, pessoas sentados no chão e uma lixeira.

29) Hercílio Luz. Localizada na Praça do mesmo nome. Estátua. No pedestal uma figura em bronze segurando uma peça não identificada, que parece um fragmento de uma peça maior quebrada, em cuja base consta que se trata de uma homenagem do povo de Santa Catarina. Num dos lados, uma placa explicitando tratar-se de uma homenagem pelo centenário do seu nascimento. No outro lado, uma placa de bronze com um alto-relevo da Ponte Hercílio Luz, que se encontra atrás da estátua. Na quarta face do pedestal, vestígios de um ornamento que falta (pinos e marcas).

Analisa-se que, em primeiro lugar o acesso ao local é possível somente por uma única rua de mão única, o que implicou que a primeira tentativa de visita fosse frustrada em função de não ter achado a entrada e ser preciso um retorno extenso e complicado. Quanto ao monumento em si, as placas informam que se tratou de uma pessoa importante. Desde que a ponte leva seu nome, deduz-se que teve intervenção na sua construção. Surpreende muito o fato de que esteja de costas para a ponte e para a baía. As peças faltantes no monumento informam descuido.



30) Monumento<sup>32</sup>. Localizado na Praça da Fraternidade. Alegoria. Estrutura com triângulos. Uma placa informa “Praça da Fraternidade, inaugurada em [...] 2006”. Um dos lados tem uma pichação e, no topo, há uma casa de João-de-barro. Analisa-se que o local é muito pouco frequentado por pedestres, e também um lugar de passagem de carro onde o estacionamento não é permitido, portanto um local pouco acessível mesmo estando a poucos metros do Mercado Municipal. O ninho de João-de-barro não pode ser retirado por lei, porém a pichação indica desrespeito e descuido.

31) Monumento aos Boinas Azuis. Localizado na Praça Nações Unidas. Monólito de cimento com um pombo vazado. Uma grande placa relata a saga dos brasileiros que partiram em 1956 para fazer parte da força de paz da Unesco. Analisa-se que é um local muito pouco frequentado e pouco conhecido<sup>33</sup>.

32) Escultura e poema ao pescador. Localizada no final da Av. Pequeno Príncipe. Estátua. Uma placa explica que se trata de uma homenagem aos pescadores, inspirada numa pessoa específica. Acompanha também um poema escrito pelo mesmo escultor e ao lado as autoridades da Prefeitura Municipal. O discurso deste monumento está bastante claro, a começar pelo lugar onde se encontra, na entrada da Praia do Campeche, lugar onde o homenageado pesca (ou pescava, não está claro).

33) Monumento à Rendeira. Localizado na Praça Bento Silvério. Escultura representando uma rendeira trabalhando. Uma placa ao lado informa o nome do monumento. Analisa-se que o discurso do monumento é claro.

34) Escultura de jovem<sup>34</sup>. Localizado na Av. Beira Mar à altura do número 3600. Escultura em tamanho natural representando um jovem reclinado ao lado de uma árvore, vestindo uma camiseta com a palavra PAZ. Não há placas informando o nome da escultura, se trata-se de um monumento. O discurso direto da escultura é a transmissão de uma mensagem de paz, levando a supor que era esta a intenção do escultor.

---

32 A informação obtida na pesquisa bibliográfica e documental é que se trata de um monumento à maçonaria, porém no próprio monumento esta informação não consta.

33 No momento do registro fotográfico começou uma briga entre duas pessoas visivelmente alteradas, que estavam com um grupo que estava bebendo no local o que obrigou a pesquisadora a sair às pressas e voltar outro dia.

34 No site consultado (<http://www.deolhonailha.com.br/florianopolis/galeria/estatuas-de-florianopolis-por-gabriel-vanini.html>) a escultura é chamada Menino do Prédio, porém não há placa no local indicando.



35) Osvaldo Cruz. Localizado numa pequena praça na interseção da R. Felipe Schmid com a Av. Rio Branco. Busto com pedestal. No mesmo, informa-se o nome do homenageado. Está em frente da porta de um Centro de Saúde do estado. Grande parte do quarteirão está ocupado com mais órgãos da saúde estaduais e municipais. Mesmo quem não sabe quem foi o homenageado pode deduzir que se trata de alguém vinculado com a saúde. Sabendo da existência de uma fundação que leva seu nome, a primeira leitura do discurso foi que o centro de saúde frente ao qual o busto se encontra era a Fio cruz.

36) Dom Pedro. Na praça do mesmo nome, localizada na R. gama D'Eça à altura do 700. Busto sobre pedestal. Está na frente do Hemosc, que é um instituto de hematologia, da área da medicina.

37) Monumento sem identificação. Tríptico alegórico. Estrutura de cimento em forma de triângulo estilizado. No centro, um pedestal de pedra, também com três lados, onde há vestígios indicando que houve três placas<sup>35</sup>.

38) Dias Velho. Localizado debaixo do elevador do mesmo nome. Estátua. De difícil acesso. De carro não há onde estacionar e, a pé, não há semáforos nem passarelas precisando atravessar uma avenida que dá acesso à saída e entrada da ilha. Integrado ao monumento há uma placa onde se conta a história do fundador da cidade. Ao lado, duas placas indicativas referidas ao elevador. Analisa-se que a dificuldade de acesso, assim como a proximidade das placas que se referem à inauguração do elevador transmitem a falta de visão do monumento como documento e como elemento educativo e de informação.

39) Monumento aos indígenas. Localizado num rochedo num empreendimento hoteleiro privado, aparece em alguns folhetos turísticos como monumento. No local não há placas informativas.

## Considerações Finais

É possível que o levantamento realizado esteja incompleto e é possível também que haja esculturas que não foram realizadas com a intenção de criar uma peça comemorativa, mas sim uma obra de arte de valor estético. Para uma melhor elucidação desta questão é necessária uma

---

35 A autora agradece a colaboração desinteressada de David Frenkel, Bacharel em Relações Internacionais, que a acompanhou neste perigoso itinerário.



pesquisa documental nos arquivos oficiais onde haja mais informações sobre cada peça, o que foge ao escopo do trabalho. Notou-se que são poucos os monumentos ou esculturas onde consta o nome de um autor, sendo que em alguns bronzes aparece o nome da fundição, dados que poderão ser de utilidade para a indagação futura.

A dificuldade em achar os monumentos, mesmo nas praças mais conhecidas foi grande, desde que não há sinalização sobre os mesmos, colocam-se barreiras visuais (como barracas de venda de artesanato, jogos infantis ou tapumes) e as pessoas não estão informadas. Foi o caso de monumentos nas duas principais praças da cidade<sup>36</sup>, de um hotel onde se procurou uma estátua e a pesquisadora foi encaminhada para uma pintura rupestre e outro caso em que o porteiro de uma instituição pública onde havia um busto encaminhou a pesquisadora para um monumento mais conhecido, e somente quando questionado lembrou que havia “alguma coisa no jardimzinho da esquina”. A dificuldade de acesso em alguns lugares, devido ao trânsito, ou ao isolamento ou à presença de marginais no local transforma a visita em algo temerário, que foi o caso dos últimos monumentos analisados. Fora estes casos mais dramáticos, o que se observa na maior parte dos monumentos é que podem ser visitados, no entanto são poucos os que comunicam um discurso claro sobre o papel social de quem está sendo representado. A pessoa que atuou como membro externo à pesquisa via internet comentou que “como obras de arte, as figuras estão muito bonitas, no entanto seriam necessários elementos mais esclarecedores”<sup>37</sup> Isto obrigaria a que, a utilização do monumento como documento estivesse, num primeiro momento, acompanhada de material informativo complementar para desta forma poder cumprir sua missão educativa de apoio ao ensino formal.

## Referências

ANDRADE, Mario de. O culto às estátuas (1929). In: *Os filhos da candinha*. São Paulo: Martins Fontes. Coleção Obras completas, 1942, pp. 31-37.

BARRETTO, Margarita. *Vivendo a História de Campinas*. Campinas: Autores Associados, 1995.

---

36 Dois meses após a realização da pesquisa os quatro bustos elencados neste artigo com os números 20,22,23 e 24 foram roubados, com o agravante de que somente duas semanas depois o roubo foi notado. Também a placa do monumento aqui descrito sob o número 26.

37 Conversação registrada em <https://mail.google.com/mail/u/0/?shva=1#inbox/13f27c9d9ddfffc>



BARRETTO, Margarita. *História, Educação e Cidadania*. In: Turismo em Análise, vol. 3. N°2, 1992, pp. 34-43.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. Marília-SP: Ed. Unesp, 2001.

HUIZINGA, Johan. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. 5 edição. São Paulo: Perspectiva, 2007.

HUYSSSEN, Andreas. *Present pasts: Urban palimpsests and the politics of memory*. California: Stanford University Press, 2003.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp. 1990.

MANACORDA, Mario. *História da Educação*. Da antiguidade aos nossos dias. São Paulo: Cortez/Autores Associados: 1989.

MARCELLINO, Nelson C. *Lazer e Educação*. Campinas: Papyrus, 1987.

MIRANDA, Jorge Morales. *O processo de comunicação na interpretação*. In: MURTA, S.M.; ALBANO, C. (org.) Interpretar o patrimônio. Um exercício do olhar. Belo Horizonte: UFMG/Território Brasilis, 2002, pp. 95-105.

NASCIMENTO, Rosana. *O objeto museal, sua historicidade: implicações na ação documental e na dimensão pedagógica do museu*. Cadernos de sociomuseologia n° 11, Portugal: ULHT, 1998.

NORA, Pierre. *Between memory and histori: Les lieux de mémoire*. Representations, 26, 1989, pp. 7-24.

PIAGET, Jean. *A formação do símbolo na criança: Imitação, jogo e sonho, imagem e representação*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1964.

PONTUSCHKA, Nadia Nacib. O conceito de Estudo do Meio transforma-se... em tempos diferentes, em escolas diferentes, com professores diferentes. In: VESENTINI, J. W. *O ensino de geografia no século XXI*. Campinas: Papyrus, 2003, p. 249-268.

SARLO, Beatriz. *Tiempo pasado*. Cultura de la memoria y giro subjetivo. Una discusión. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2005.

TANUS, Gabrielle; RENAU, Leonardo; ARAUJO, Carlos. *O conceito de documento em Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia*. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação. V. 8, n°2, pp.152-174, Jul/Dez 2012.

Sites consultados:



PARLA! Os monumentos de Florianópolis como narradores de história - Margarita Barretto

<http://monumentospublicosemsantacatarina.blogspot.com.br> - Acesso em 3 de outubro de 2013.

<http://www.indoviajar.com.br/brasil/sc/florianopolis/monumentos-e-parques.htm> - Acesso em 1 de outubro de 2013.

<http://www.minube.pt/tag/monumentos-historicos-florianopolis-c469> - Acesso em 3 de outubro de 2013.

<http://www.guiafloripa.com.br/turismo/patrimonio/> - Acesso em 2 de outubro de 2013.

<http://www1.an.com.br/ancapital/1999/ago/11/index.htm> - Acesso em 3 de outubro de 2013.

<http://www.deolhonilha.com.br/florianopolis/galeria/estatuas-de-florianopolis-por-gabriel-vanini.html> - Acesso em 2 de outubro de 2013.

---

Recebido em 6 de outubro de 2013.

Aceito para a publicação em 12 de novembro de 2013.

